PROJETO PEDAGÓGICO: CAIXAS DA NATUREZA – TROCAS, PARTILHAS E CARTOGRAFIAS AFETIVAS.

Patrícia Xavier Figueiredo[1]
kátia Silene Ávila Leivas[2]

Resumo: O projeto Caixas da Natureza propõe a realização de um intercâmbio pedagógico e cultural entre as Escolas do Campo: E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha e E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu, envolvendo as crianças e suas famílias de comunidades de pescadores e agricultores, por meio da troca de elementos naturais representativos de cada território escolar. As trocas serão acompanhadas por cartas, bilhetes e ilustrações elaboradas pelas crianças, bem como por cartografias sociais construídas coletivamente, de forma a possibilitar que os destinatários compreendam o ambiente físico, cultural e simbólico da comunidade remetente.

A proposta integra diferentes áreas de conhecimento, com ênfase em Linguagem (leitura, escrita e expressão artística), Geografia (território, espaço e cartografia) e Educação Ambiental, favorecendo aprendizagens contextualizadas e significativas. Ao trabalhar com elementos reais do cotidiano, busca-se fortalecer o vínculo das crianças com seu território e promover o diálogo entre diferentes realidades socioculturais.

Justificativa: A educação desenvolvida no campo e em comunidades de pescadores e agricultores apresenta especificidades vinculadas à história, ao modo de vida e à relação direta com o meio ambiente. Entretanto, essas particularidades nem sempre encontram espaço de visibilidade e valorização no ambiente escolar, que, em muitos casos, ainda se orienta por currículos e práticas voltadas a uma lógica urbana e homogênea.

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

A proposta “Caixas da Natureza” propõe um espaço de diálogo e partilha de saberes ambientais e culturais. Através do envio de elementos naturais, acompanhados de registros escritos, visuais e cartográficos, as crianças têm a oportunidade de comunicar a riqueza de seu território, ao mesmo tempo em que conhecem outras realidades. Essa prática promove a alfabetização e o letramento de forma situada, pois os textos produzidos possuem um destinatário real e uma função social concreta. Além disso, possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico, da sensibilidade estética e do respeito à diversidade ambiental e cultural.

Objetivos:

Geral:

- Promover a valorização dos territórios do campo e das comunidades pesqueiras por meio da troca e partilha de elementos naturais, cartas e cartografias sociais entre escolas.

Específicos:

- Estimular a leitura, a escrita e a produção artística a partir de contextos reais e afetivos.
- Desenvolver habilidades de observação e curiosidade científica sobre o ambiente local.
- Favorecer a compreensão e o respeito à diversidade ambiental e cultural.
- Construir cartografias sociais que representam o olhar das crianças sobre sua comunidade.
- Incentivar a cooperação e o trabalho coletivo entre estudantes e professores.
- Mapeamento do território escolar;
- Promover aula-passeio para coletar elementos naturais, registro fotográfico e desenhos de observações.

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

Fundamentação Teórica

A proposta insere-se no contexto das práticas pedagógicas que reconhecem a centralidade do território e dos saberes locais no processo educativo.

Educação do Campo e valorização dos saberes locais

A Educação do Campo, conforme conceituada por Caldart (2012, p. 259), pode ser compreendida como um fenômeno social constituído por aspectos culturais, políticos e econômicos, o que realça sua complexidade e centralidade no reconhecimento das especificidades dos contextos rurais. Nesse sentido, iniciativas que valorizam os elementos do cotidiano e o diálogo com outros contextos fortalecem a identidade territorial e estimulam a reflexão crítica.

Educação Ambiental e sentido de pertencimento

Segundo Leff (2001), a Educação Ambiental, quando assumida de forma crítica e emancipatória, visa à compreensão das inter relações entre sociedade e natureza, integrando dimensões culturais, históricas e ecológicas. Leff diz:

> A educação ambiental traz consigo uma nova pedagogia que surge da necessidade de orientar a educação dentro do contexto social e na realidade ecológica e cultural onde se situam os sujeitos e atores do processo educativo. (LEFF, 1998, p. 257)

Partilhamos desse entendimento do autor por entendermos que os saberes ambientais são produzidos por meio de uma prática pedagógica comprometida na produção de uma nova racionalidade pautada na diversidade de saberes e sustentabilidade da vida.

A troca de elementos naturais, acompanhada da narrativa de seu significado, permite que as crianças atribuam valor ao seu ambiente e reconheçam a

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

importância do cuidado com todos os modos de vida, desenvolvendo sentimento de pertencimento e responsabilidade socioambiental.

Cartografia social como expressão do território vivido

Na construção de cartografias sociais, segundo Acselrad (2008), “o imaginário cartográfico e as representações do território passaram assim a recortar o real para descrevê-lo, defini-lo e, simbolicamente, possuí-lo.” (ACSELRAD,2008 p.13). Ao elaborar mapas afetivos, as crianças não apenas localizam pontos geográficos, mas também registram memórias, afetos e relações sociais que compõem o sentido de lugar.

Intercâmbio cultural e aprendizagem dialógica

A proposta de troca entre escolas fundamenta-se na perspectiva freireana de diálogo (Freire, 1996), entendendo que o conhecimento se constrói no encontro entre diferentes sujeitos e realidades. Ao produzir textos e desenhos para interlocutores reais, as crianças atribuem sentido social à leitura e à escrita, desenvolvendo competências comunicativas e ampliando seu repertório cultural.

A Pedagogia Freiriana valoriza a educação produzida a partir da cultura e da linguagem dos estudantes, tendo como ponto de partida, os saberes cotidianos, aprendendo a fazer a leitura de mundo. Freire (1996) nos diz que,

> (...)pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Freire(1996, p.17)

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

A partir dessa perspectiva, buscamos desenvolver a aprendizagem junto à formação de uma consciência crítica que fortaleça os saberes populares e a identidade cultural das crianças da comunidade.

Metodologia:

Sensibilização e observação

- Roda de Conversa com as crianças sobre o projeto e seus objetivos.
- Caminhadas exploratórias no entorno escolar para observar, fotografar e coletar elementos da natureza que representem o território.

Seleção e registro

- Escolha coletiva dos itens que farão parte da “caixa da natureza”.
- Produção de cartas, bilhetes e desenhos para explicar a importância e a história de cada elemento.
- Coleta de elementos que possam ser enviados (seguindo critérios de segurança e preservação).
- Conversa sobre a história e significado desses elementos para a comunidade.

Materiais**:** sacos de pano ou caixas pequenas para coleta, caderno de anotações, lápis, câmera ou celular para fotos.

Cartografia social

- Construção de mapas afetivos, integrando pontos de referência, belezas naturais, locais de trabalho e de convivência.

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

- Uso de desenhos, colagens e símbolos para representar o ambiente escolar e comunitário.

Produção de cartas e bilhetes explicando cada elemento:

- Nome popular e científico (se possível)
- Local onde foi encontrado
- História ou curiosidade

Troca e partilha

- Envio das caixas para outra escola participante.
- Recepção das caixas vindas de outra localidade, com atividades de exploração, leitura das cartas e conversa sobre os elementos recebidos.

Socialização e continuidade

- Exposição na escola dos materiais recebidos, com convite à comunidade para conhecer a troca realizada.
- Registro das experiências em diário de bordo coletivo ou portfólio.

Resultados esperados

- Ampliação do repertório cultural e ambiental dos estudantes.
- Fortalecimento da identidade territorial e do sentimento de pertencimento.
- Desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e expressão artística.
- Produção de cartografias sociais como registro da memória e da percepção das crianças sobre seu espaço.
- Criação de vínculos afetivos e pedagógicos entre escolas de diferentes localidades.

Referências:

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.

ACSELRAD, Henri. **Cartografias sociais e territórios.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

CALDART, Roseli Salete. ***Dicionário da Educação do Campo***, São Paulo: Expressão Popular, 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

[1] Professora na E.M.E.F. DR. Liberato Salzano Vieira da Cunha-Escola do campo. Licenciada em Pedagogia Plena (FURG). Especialista em Educação Infantil (Unicesumar). Atelierista. Email: patriciabx75@gmail.com
[2] Professora na E.M.E.F. Cristóvão Pereira de Abreu.. Licenciada em Pedagogia (FURG), Mestre em educação Ambiental (PPGEA), Doutoranda (PPGEA) Email: ktleivas@gmail.com.